



O PRINCÍPIO DAS CLASSIFICAÇÕES NO ROTARY

Nelson Greff—jan 2024

Paul Harris ao recrutar os associados para o clube que idealizava fundar teve o cuidado de convidar homens de profissões distintas: um advogado, o próprio Paul, um engenheiro, um comerciante e um alfaiate.

A fundação do clube obedeceu a dois critérios em particular: as reuniões realizavam-se em rodízio nos locais de trabalho dos associados, inicialmente, e os associados deveriam pertencer a profissões ou negócios distintos, para evitar concorrência entre seus membros. Duas coisas importantes decorreram dessas premissas: o nome do clube “Rotary”, que refletiu o sistema de rodízio e o princípio das classificações. Atualmente o Rotary continua a classificar seus associados como forma de equilíbrio do quadro associativos dos seus clubes, expresso seu estatuto.

O Manual de Procedimentos traz o Estatuto do Rotary Club que define, na Seção 1, do Artigo 11. “A classificação será aquela que descreve a atividade principal e reconhecida da firma, companhia ou instituição à qual o associado esteja ligado, ou aquela que descreve a atividade principal e reconhecida da sua empresa ou profissão, ou a natureza da atividade de prestação de serviços à comunidade”.

Interessante observar que o texto se refere à

comunidade à qual serve o clube. Entendendo como comunidade as localidades onde estavam sediados, as quais eram muito menores do que na atualidade, a classificação de um associado era muito importante, pois refletia um segmento de profissionais que ali atuavam. Assim, a ideia inicial de representação dos associados foi um fundamento crucial para a harmonia nos clubes.

Para efeito dessas condições os clubes devem ter um quadro de classificações que reflita seu propósito de prestação de serviço, não mais vinculado à comunidade apenas, pois modernamente a abrangência dos serviços não se restringe ao local de sede do clube.

O equilíbrio e a diversidade das classificações são muito importantes para a saúde de um clube, pois os serviços que pode prestar serão tanto mais abrangentes, quanto maior for o número de serviços que seus associados possam oferecer.

A Avenida dos Serviços Profissionais está intimamente ligada às classificações, pois visa incentivar os rotarianos a colocarem em prática suas habilidades e qualificações em prol dos serviços rotários, bem como à difusão de padrões éticos nas suas empresas e locais de trabalho.

Quadro de Classificações atual do Rotary Club de Santa Maria Dores:

Adão José Figuera—Produção de Eventos, promotor

Amirto Antonio Padoin—Finanças, bancário

Cristino Konrad—Engenharia Química, professor

Caroline Dalcin Ebert—Serviço público, acessora

Doris M. de Medeiros—Educação, professora

Elton Elmar C. Engres—Direito, advogado

Elizabeth Chagas Avila—Associada Honorária

Enia Muniz Cavichioli—Administração, professora

Eugênio P. Medeiros—Eletricidade, eletricitário

Fábio A. Barcelos—Informática, analista TI

Jorge Adaime Filho—Direito, procurador

José Carlos S. Oliveira—Direito, advogado

Luiz Antonio L. Oliveira—Comércio, construção

Manoel Renato T. Badke—Veterinária, médico

Marcos C. Delgado—Finanças, bancário

Maria da Graça S. Disconzi—Educação, professora

Maristela M. L. Teixeira—Saúde, enfermeira

Moacir da Rosa Alves—Odontologia, dentista

Natalício L. Antonello—Saneamento

Nelson Greff—Forças Armadas, oficial

Paulo Gai—Engenharia Elétrica, consultor

Pedro A. Londero—Transporte, passageiros

Reinaldo L. Guidolin—Serviço público, jornalista

Ricardo Londero de Souza—Comércio, construção

Sergio E. P. Avila—Forças Armadas, oficial

Sirlei Jonco Baron—Justiça, servidora

Stelamaris Busanello—Serviço público

Valdenir S. Machado—Forças Armadas, militar

CONSCIENTIZAÇÃO E ESPÍRITO ROTÁRIO

DISCUSSÃO, FERRAMENTA DO ENTENDIMENTO

Nelson Greff—jan 2009, revisada

Quem alguma vez não se sentiu inconformado com o rumo de uma conversa, especialmente com o resultado que ela poderia apresentar? A inconformidade, porém, longe de ser um apenas um defeito, pode ser justamente o reflexo de que estamos pensando sobre algo que precisa ser melhor entendido ou aperfeiçoado. Esta melhoria necessária poderá ser inclusive na nossa própria opinião, resultante do diálogo entre os diversos pontos de vista apresentados na discussão.

Não conformar-se com uma situação não significa que esta seja inadequada ou que não apresente possibilidade de ser aperfeiçoada, iluminando soluções. Sempre tendemos a valorizar mais as nossas opiniões, em detrimento das alheias; outras vezes, nos calamos sem expor as nossas ideias, consequentemente frustrando-nos ou deixando de lado a oportunidade de regozijarmos com um bom resultado alcançado; tanto num caso, quanto outro, discutir o problema é o mais adequado com certeza.

Não obstante, precisamos estar abertos às interferências que a discussão poderá provocar na nossa concepção, caso contrário não haverá o necessário diálogo entre as ideias apresentadas. É esta abertura que vai permitir a

sintonia entre as partes, amparando-se na tolerância como elemento fundamental do entendimento. A radicalização de posições prejudica o crescimento intelectual e social e nada acrescenta para a harmonia de um relacionamento ou tomada de decisão em um grupo.

O desafio do cotidiano requer dinamismo ante a perplexidade de um problema e o consequente desafio de ter de resolvê-lo o mais rapidamente possível. Neste mecanismo, os nossos valores são criticados à luz dos valores dos outros, da mesma forma que estes são submetidos ao nosso crivo valorativo. A resolução dessa equação de valores resulta numa conclusão, nem sempre satisfatória para todos, mas conciliatória certamente.

Honestidade, humildade, coerência, paciência, bondade, respeito, comprometimento e desprendimento são algumas virtudes que, presentes no debate, levarão ao entendimento entre as partes. Constituem-se pré-requisitos para a civilidade e seguramente nos livram da barbárie que poderia resultar uma discussão sem estas qualidades. Sob todos os aspectos, a discussão sincera, desprovida de segundas intenções, leva à conciliação e propicia a serenidade do entendimento.

DESIDRATAÇÃO NAS PESSOAS IDOSAS

Matéria enviada pelo Companheiro Dr. Moacir

Médico diretor técnico de clínicas do Hospital das Clínicas. Sério, competentíssimo e por isso muito respeitado, ARNALDO LICHTENSTEIN, explica:

“Toda vez que ensino medicina clínica para estudantes de medicina do quarto ano, faço a seguinte pergunta: Quais são as causas da confusão mental em pessoas idosas?”

Alguns respondem: “Tumores na cabeça”. Eu respondo: Não!

Outros sugerem: “Os primeiros sintomas da doença de Alzheimer”. Eu respondo novamente: Não!

Com qualquer rejeição de suas respostas, eles ficam frustrados. E ficam de queixo caído quando noto a causa mais comum: DESIDRATAÇÃO!

Pode parecer uma piada; mas não, este último motivo não é suspeito e é extremamente importante.

Pessoas com mais de 60 anos geralmente param de sentir sede e como resultado, param de beber líquidos. Quando ninguém está por perto para lembrá-los de beber líquidos, eles secam rapidamente.

DESIDRATAÇÃO SEVERA afeta todo o corpo. Pode causar fraqueza muscular, fadiga, falta de motivação, confusão mental súbita, diminuição da pressão arterial, aumento da frequência cardíaca, angina (dor no peito). Em casos muito extremos: coma e até morte.

Esse hábito de esquecer de beber líquidos começa aos 60 anos, quando temos pouco mais de 50% da água que precisamos ter em nosso corpo. Pessoas com mais de 60 anos têm um reservatório de água mais baixo. Faz parte do processo natural de envelhecimento.

Mas há mais complicações.

Embora estejam desidratados, eles não sentem vontade de beber água porque seus mecanismos internos de equilíbrio não funcionam particularmente bem.

Resumo:

As pessoas com mais de 60 anos secam facilmente, não apenas porque têm menos água; mas também porque não sentem a falta de água no corpo.

Embora as pessoas com mais de 60 anos possam parecer saudáveis, realizar reações e funções químicas pode ser prejudicial para todo o corpo.

Então aqui vão dois alertas:

1) Adquirir o hábito de beber líquidos. Os líquidos incluem água, sucos, chá, água de coco, leite vegano, sopas e frutas ricas em água, como melancia, morango, melão e abacaxi;

A laranja e a tangerina também funcionam.

O importante é que a cada duas horas, você precisa beber alguns líquidos.

Lembre-se disso!

2) Alerta aos familiares: ofereça constantemente líquidos a pessoas com mais de 60 anos. Ao mesmo tempo, observe-os.

Se você achar que eles repelem fluidos e ficam irritáveis, com falta de ar ou desatentos durante a noite, esses são quase certamente sintomas recorrentes de desidratação.

Você está inspirado a beber mais água agora?

Envie esta informação para outras pessoas.

Faça isso agora! Seus amigos e familiares precisam saber por si mesmos e ajudá-los a serem mais saudáveis e felizes!

É bom compartilhar com pessoas com mais de 60 anos.

MERECE NOTÍCIA

PRESERVAÇÃO DA AMAZÔNIA PODE EVITAR EVENTOS CLIMÁTICOS

Matéria publicada no boletim em 2009

A preservação da Amazônia pode evitar eventos climáticos extremos no centro-sul do Brasil, por causa do papel da floresta na manutenção do equilíbrio do clima na América Latina. De acordo com o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), **Antonio Nobre**, a floresta tem papel fundamental no equilíbrio do sistema hidrológico da região.

“No funcionamento do clima na América do Sul, a Amazônia tem um papel muito grande na exportação de umidade, por meio da atmosfera, dos ventos. As nuvens saem da Amazônia para irrigar as regiões no centro-sul da América Latina: Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, norte da Argentina. Toda essa região depende das águas que vêm da Amazônia”, afirmou Nobre.

De acordo com dados do pesquisador, por dia, a Amazônia chega a jogar na atmosfera

(Fonte: Luana Lourenço/ Agência Brasil—Ambiente Brasil—WEB)

ra 20 bilhões de toneladas de água em forma de vapor e o bom funcionamento desse sistema de regulação do regime de chuvas depende da manutenção da floresta em pé, sem desmatamentos.

O pesquisador ressalta que a Amazônia provê um sistema de estabilização climática que consegue manter a região toda em equilíbrio. Não se tem nem excesso de água nem falta. Nobre defende que, mesmo diante de incertezas científicas, há fatos suficientes para justificar a demanda urgente pela preservação. “O que a ciência já sabe é mais do que suficiente para comprar várias apólices de seguro. E o seguro se chama proteger a floresta. Estamos destruindo o sistema hidrológico e o clima da América do Sul”, alertou.

Hoje, a floresta amazônica corre o risco de perder na guerra do clima.

SECA INDICA FUTURO DESASTROSO PARA A AMAZÔNIA

<https://metsul.com/2024-01-19-clima-seca-amazonia-el-nino/>

A Amazônia enfrenta uma seca sem precedentes que, segundo as previsões científicas, continuará a afetar a região até, pelo menos, meados de 2024. Os sinais de sua gravidade incluem os níveis mais baixos de água na cidade de Manaus em 121 anos de registros do nível do rio, com a exposição de vastas áreas do leito do rio Amazonas, a morte de mais de 150 golfinhos em um lago onde a temperatura da água atingiu 39 °C (2 °C acima da temperatura do corpo humano) e populações humanas isoladas ao longo dos rios amazônicos, sem seus meios de subsistência e sem necessidades básicas.

Os modelos climáticos previram que o aquecimento global criaria “super El Niños”, e agora eles claramente chegaram. Este ano, por exemplo, observamos a ocorrência simultânea de três tipos de seca que, juntos, afetam praticamente toda a região amazônica. A previsão para o período de novembro de 2023 a janeiro de 2024 é de seca em quase toda a região. Algumas áreas com previsão de chuva no Peru podem ajudar com os níveis de água no rio Amazonas, mas não com a vasta área da floresta amazônica exposta ao estresse da seca e aos incêndios florestais.

As previsões de mudanças no clima da Amazônia até o ano 2100 são realmente catastróficas. Esse ano é daqui a 77 anos, e muitas das crianças de hoje viverão para vê-lo. Até o momento, a temperatura média global aumentou 1,2 °C desde o início da revolução industrial em 1750, e os impactos disso já são visíveis em todo o mundo, inclusive na Amazônia.

Se todos os países cumprirem seus compromissos, como os assumidos no Acordo de Paris, a temperatura média global chegaria a 2,7 ± 1 °C acima da média pré-industrial até 2100, mas se as emissões continuarem a aumentar de acordo com os atuais “caminhos socioeconômicos compartilhados” (SSPs) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), ela atingiria mais de 4 °C. Se chegar aos 6°C as árvores sucumbirão ante o estresse hídrico. Seria o fim da floresta...

Por Philip Fearnside (Biólogo e Pesquisador titular do Departamento de Ecologia, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA), e Rosimeire Araújo Silva (Pesquisadora no Programa da Dinâmica Ambiental, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA)